

O

TYRANNO DA EUROPA

NAPOLEÃO I.

MANIFESTO

QUE A TODOS OS POVOS DO MUNDO

E PRINCIPALMENTE

AOS HESPAÑHOES

APRESENTA

O LIC. D. J. A. C.

TRADUZIDO DO HESPAÑHOL

POR

F. J. J. C.

H615





O

TYRANNO DA EUROPA

N A P O L E A Õ I.

Crocodilus, invictum alioqui & perniciosum animal, tamen Tentyritas adeo metuit, ut ad voces etiam expavescat: ita tyranni, quum omnes contemnant, tamen Eruditorum litteras timent.

Ex Erasmi Parabolis.

El cayman, animal por otra parte invencible y pernicioso, teme tanto a los Tentyritas, que solo al oir sus voces se llena de pavor: no de otra suerte los Tyrannos, aunque á todos los desprecian, temen sin embargo los escritos de los Eruditos.

De las Parabolas de Erasmo.

SE em todos os tempos, se em todas as idades a Oratoria, a Poesia, e a Pintura, o marmore, e o bronze animados pela mão destra do artista tem transmittido aos seculos mais remotos os respeitaveis nomes daquelles heróes collocados no templo immortal da fama por suas heroicas virtudes, e gloriosos feitos, a fim de inflammare nossos animos em o desejo de imitar taõ sublimes modélos para fazer-nos dignos de iguaes honras; naõ será estranho, nem fóra de proposito, que hum Hespanhol amante de seu

A ii

Rei,

Rei, de sua Patria e Religião, desta Religião Augusta que herdamos de nossos pais, grosseiramente enganado, e gravemente offendido, como individuo de huma Nação vilipendiada, e ultrajada por outra vizinha, eleve o grito, e esgrima com louvavel esforço a penna para desenganar a alguns preoccupados, e tirar a mascara a esse falso heroe, a esse pérfido alliado, e amigo, que ha sabido por tanto tempo dissimular seus iniquos designios, e profundos tramas, encobrando-os com o verniz da mais refinada hypocrisia.

Senaõ he bastante a desculpar meu arrojo o direito incontestavel, que tem os homens de todos os paizes para declamar contra o Tyranno do Universo; se tão pouco se julga motivo sufficiente o ser membro de huma Nação vilmente enganada, e aleivosamente invadida, quando descangava no seio da mais estreita amizade, e alliança: poderá servir-me de escudo a obrigação sagrada, que todos temos de *peleijar cada hum á sua maneira*, nesta dura luta entre a mais cruel oppressão, e duro cativeiro; e entre o sagrado patriotismo, e a liberdade imprescritivel de hum povo nobre, grande, e independente. Braços robustos nos sobraõ para vingar tantos insultos, e aggravos, e sendo os meus demasiadamente débeis, devo peleijar com as armas com que posso, com as armas da palavra, e da persuasão; armas, que em todos os tempos haõ sido mais temidas dos tyrannos, que os mais formidaveis exercitos. Finalmente eu me creio bastantemente authorizado para empregar minhas curtas luzes, e o fraco instrumento de minha mal aparada penna em rechazar o inimigo commum, em virtude da exhortação feita aos Helpanões pela Suprema Junta em 29 de Maio, paraque se escreva a fim de conservar a opiniaõ pública, e refutar esses libellos insolentissimos, e cheios de falsidades atrozes, esparzidos por nossos mesmos inimigos, ou talvez por escriptores nacionaes vendidos ao ouro da França, vis apóstatas de sua Religião, de seu Rei, e de sua Pátria; ou por homens que agitados de injustos resentimentos, se tem valido desta occasião para vomitar o mortifero veneno, que es-

escondiaõ em suas duras entranhas. Eu me guardarei muito bem de ter em meu poder sem licença expressa (nem ainda para refutallos) esses papeis escandalosos, e cheios de opprobrios aos Reis, e ao Povo Hespanhol, os quaes faõ, e tenho por sediciosos, como o Diario de Madrid de 10 de Maio, hum dos folhetos mais denegrativos, e enormes que tem abortado as preças. Assim pois me cingirei sómente a indicar alguns dos factos mais públicos, e indubitaveis, que manifestaõ evidentemente o caracter soberbo, ambicioso, fallaz, e pérfido do Tyranno da França. Rasguemos de huma vez com intrepidez, e esforço generoso o véo, que occultava a nossos olhos esse impio Dragaõ, e mostremos ao Povo Hespanhol, á Europa inteira, ás Nações mais remotas, ás gerações, e seculos futuros, que se Napoleaõ I. ha podido conseguir a débil gloria de hum guerreiro estorçado, ha sido ao mesmo tempo hum tyranno, e inimigo, não só da Europa, senão tambem da mesma França, a quem he devedor de sua educação militar, de seus primeiros accessos, de sua fortuna brilhante, de seus funestos laureis, inundados do sangue inda fumegante de tantos bravos Francezes, instrumentos cegos de sua illimitada ambição. Tem sido, e he hum Principe pérfido, e iniquo, que tem projectado desterrar do mundo a boa moral, a sã politica, e os direitos constantemente reconhecidos, e reciprocamente guardados entre todos os povos cultos, que excedendo em maldade, e descaramento a Atréo, ha intentado calcar com pé sacrilego aquella liberdade, que toda a Nação tem para estabelecer a fórma de governo, que mais lhe agrada; e por ultimo, que he hum monstro horrivel vomitado pelo Inferno para o agoute do genero humano.

Nasceo Napoleaõ Bonaparte em Ajaccio ou Ayasso de Córcega a 15 de Agosto de 1769. Foi levado desde seus primeiros annos á França, onde obteve huma praça na escola militar de Briene em Champanha, confiada á Direcção dos Mínimos, e aqui foi onde deu as primeiras mostras daquella forte de fereza, natural aos espiritos extraordinarios; porém que poucas vezes deixa de ser hum final
na-

nada equivoco de hum genio altivo, orgulhoso, e dominante. Passando á escola militar de Paris, onde concluiu seu curso, conservou o mesmo caracter fero, e altivo, presagio funesto, de que, se alguma vez a fortuna o elevasse, por meio daquelles acontecimentos, que os mortaes não podem prever nem calcular, ao sublime, e espinhoso cargo de mandar aos outros, não careceria daquella soberba, e despotismo, que muitas vezes tem manchado as brilhantes proezas dos mais illustres conquistadores. Se o seguimos rapidamente em todos de sua vida até á sua exaltação ao throno, não encontraremos jámais desmentido este caracter.

Era simples cadete voluntario de Artilharia no tempo da primeira Assembléa dos Notaveis, e se declarou pelo partido da liberdade; mas já na famosa época do sitio de Tolon se achava com praça de official em huma Companhia de Artilheiros. A intelligencia, com que se conduzio no ataque do reducto do forte Faraon, foi causa de que Freron, e Barraz, representantes do Povo, commissiionados para vigiar sobre as operações do sitio de Tolon, e testemunhas de sua intrepidez, o nomeassem General de Brigada. Depois destes successos foi chamado Bonaparte a Paris, e encarregado em segundo, debaixo das ordens de Barraz, do commando das tropas de linha; e passado algum tempo promovido a General em Chêfe do exercito de Italia.

Quem diria então á França, que este homem, a quem tinha educado em seu seio, e cujos accessos militares procurava com tanta rapidez, seria o mesmo que a havia tyrannizar, reduzindo-a á escravidaõ, e privando-a daquella decantada liberdade, que em meios de horrendos crimes, e execraveis attentados tinha comprado á custa de immensos thesouros, e innumeraveis torrentes de sangue de Cidadãos Francezes? Quem poderia prever, que este joven, que de idade de 19 annos se havia declarado pelo partido da liberdade, e que havia trabalhado no Collegio de Briene hum Poema sobre a liberdade de Córcega, longe de ser seu mais forte baluarte, chegaria a ser algum dia o mais cruel inimigo não só da liberdade da França, mas tambem da de

todas as mais Nações ? Quem diria, que no Tratado de paz, que firmou em Campo-Formio, os despojos da República de Veneza, huma das mais antigas do mundo, ferviriaõ para recompensar a hum Imperador, e isto pelas conquistas de hum General Republicano ? Taõ certo he, que Napoleaõ naõ tem conhecido jámais outros princípios que seu negocio, e interesse. E quem naõ creria, que hum joven, que havia recebido huma educação sábia, e cuidadosa, e que repetidas vezes havia declamado contra o abuso do poder, e a corrupção das Cortes, se chegava a sahir alguma vez da esfêra de General, segundo o vaticinio do Director Carnot, naõ seria hum daquelles Principes benéficos, que de seculo em seculo apparecem no theatro do mundo para consolação da humanidade affligida, os quaes ao passo que inundaõ de felicidades a Nação, que tem a sorte invejavel de viver debaixo de seu doce imperio, naõ trataõ de destruir as outras; senaõ de respeitar, e conservar seus Direitos, e com mais especialidade os daquellas a quem estaõ unidos com estreitos laços d'amizade, e d'alliança ? Porém, ah ! por desgraça do genero humano, contra a esperanza de todos, e da França, este mesmo he o cruel, que tem feito correr caudalosas torrentes de sangue, fazendo interminavel a guerra continental com suas idéas de engrandecimento, e conquistas, ao mesmo tempo que em todos os seus manifestos protesta ser-lhe affaz precioso o sangue humano; que tem forjado huma cadeia de desastres, cujo desejado fim ainda se occulta á nossa vista; que ha feito verter rios de lagrimas a huma multidão de victimas innocentes; e que ultimamente acaba de enredar a nossa Nação, dando-nos a escolher entre os horrores da guerra, e o opprobrio de passarmos por hum Povo débil, cobarde, e impotente. Porém vós-outros, valorosos Hespanhoes, naõ tendes titubeado hum momento: sabeis muito bem, que he muito melhor huma morte gloriosa, que huma vida cuberta de ignominia, e o grito guerra, guerra tem sido o signal, a alegria, e uniaõ de todas as Provincias.

Bem sei, que se accusa a Inglaterra de haver dilatado

a guerra do Continente, formando repetidas coalisões, e prodigalizando sommas, e subsidios quantiosos. Porém, não terião sido talvez regeitadas com firmeza todas as luctações do Gabinete Britanico, se os Principes da Europa estivessem seguros das intenções de Napoleão, ou se não houvessem estado palpando evidentemente a astucia, e manha; em que cada dia estendia seu dominio, e imperio, debaixo de varios pretextos especiosos. Haveriaõ podido acaso ter effeito as intrigas de Pitt no Continente, a não terem os mesmos Soberanos diante dos olhos os diversos tramas urdidos por Napoleão para transtornallo todo; para anniquillar pouco a pouco, já com a manha, já com a força, o poder de todas as Potencias da Europa; e para a final as tornár escravas, regendo-as com o duro sceptro de ferro? Quem he o insensato que não conhece, que, anniquillado o poder maritimo da Inglaterra, segundo aquella maxima tantas vezes repetida desde o tempo da República, *delenda Carthago*, ficaria a França senhora dos Mares, e do Continente?

Encarregado Bonaparte do commando do exercito de Italia, e tendo-se declarado por sua a victoria, se ajustou por fim a paz pela vez primeira com o Imperador d'Alemanha em Campo-Formio. Neste congresso se suscitaraõ muitas difficuldades, porque o Imperador não havia dado a seus Plenipotenciarios os poderes sufficientes. Com este motivo se vio outra vez a Bonaparte dar huma nova demonstração assaz expressiva, de que a altiva fereza, e arrogancia, que manifestou desde seus primeiros annos, ainda não se havia modificado com a experiencia, e madureza, que costumaõ ser o fruto de huma idade mais adulta. Pega n'uma vasilha de porcellana preciosa que estava á mão, e fazendo-a em mil pedaços, disse aos individuos do congresso: *Assim vos reduzirei eu a pó, pois o quereis.*

Desde a época em que a fortuna se declarou por Bonaparte na Italia, começou o Directorio a mirallo com inveja, e zelos, já porque seu mérito fosse hum opprobrio da conducta daquelle corpo, como tem querido seus partidistas; ou já porque temessem, que adquirindo o Ge-

neral demasiado conceito, e reputação, tratasse algum dia de aspirar ao mando supremo. Não por outra causa na República de Athenas foraõ delterrados pelo Oltracismo os Milciadis, os Temistocles, os Cimones, os Aristides, e todos aquelles valorosos Capitães, que mais se distinguiram por seus assignalados serviços para com a Pátria. O sobrenome de *Justo*, que mereceo Aristides entre seus Cidadãos, foi a principal causa de seu delterro. Esta que parecia excessiva crueldade, e ingratitude, era huma medida prudente, e precaução necessaria entre huns Cidadãos tão zelosos de sua liberdade como os Athenienses. Acaço presentia a maior parte do Directorio, que este pygmeo, que começava a elevar-se a huma estatura colossal, poderia ser algum dia mais funesto á liberdade da França, que todos os exercitos colligados? O certo he, que o tempo justificou estes ciúmes, e receios, pois apenas regressou Bonaparte da expedição do Egypto, huma das maiores, e mais perigosas, que jámais se tem concebido, e que pedia hum valor intrépido até á temeridade, se lhe vio com igual arrojo lançar por terra o Directorio, destruir o Conselho dos Quinhentos, e levantar sobre suas ruinas o Governo Consular, passo preparatorio para se elevar algum dia ao throno, a que já então aspirava secretamente. Assim he, que o vimos passar de hum modo rápido, e escandaloso do Consulado temporal ao perpétuo, e deste á dignidade Imperial, salto tão atrevido como affortunado, e que deixou atónita a Europa, ao ver que huma Nação, que tanto havia fallado, e escripto contra os Reis, e o Governo Monarchico, e que havia combatido heroicamente por sua liberdade, e independencia, acabava de submeter-se de conformidade, e sem crises revolucionarias ao Dominio despótico de hum estrangeiro.

Não he do nosso intento indagar as causas, que poderão produzir hum transtorno tão repentino na opinião pública: mas já fosse que huma Nação geralmente corrompida, e despojada de todas aquellas virtudes moraes, que foraõ a base, e fundamento das Républicas da

Grecia, e Roma, chegasse por fim a conhecer a necessidade de estabelecer outra vez o Governo Monarchico; ou já que a França, cansada da guerra, e de lutar com tantas facções, como em hum curto numero de annos a tinhaõ agitado incessantemente, reproduzindo-se humas sobre as ruinas das outras, julgasse por mais saudavel abandonar-se em os braços de hum homem, de quem esperava acertaria a reunir dos annos, e lhe restituiria por fim a paz, e o socego, que tanto desejava; ou já finalmente que Bonaparte dono da força armada, não se atrevesse a Nação a resistir-lhe: o certo he, que o fanatismo Republicano dobrou a final a cerviz, e Napoleão foi proclamado Imperador da República Franceza. Então se vio apparecer aquella Constituição monstruosa, que pretendia jmanar o Imperio com a República, palavra que já nada significava, e que só era hum som vao, que se havia conservado na nova Constituição para allucinar todavia o povo ignorante: e assim Napoleão se intitulava *Imperador da República Franceza*, titulo que, tragada a pilula, desappareceo inteiramente, convertendo-se depois no de *Imperador dos Francezes*, ficando sepultada de todo, e abolida a voz *República*. Deste modo hum Nação por outra parte valente, e illustrada, ha sido a jogadilha da astucia, e capricho de hum estrangeiro sagaz, e ambicioso. Era pouco ter o mando supremo durante hum largo Consulado: tão pouco bastava a contentar seus desejos, que esta dignidade se tivesse feito perpétua: aspirava a mais: era forçoso cingir a coroa, e empunhar o sceptro: *aut Caesar, aut nihil*. Permittira o Ceo, que o Imperio da França houvesse sido o limite dos desejos de seu coração.

Se todos os tyrannos não fossem ambiciosos, e se a ambição dos tyrannos não fosse tão insaciavel, como a sede do mais furioso hydropico, tivera podido lisonjear-se a França, de que era chegado o termo de suas dissensões internas, de suas calamidades, e de todas as suas desgraças; tivera podido esperar sem engano ver renascer em breve tempo a tranquillidade, a alegria, a abundancia, a riqueza, a amizade, o commercio, a industria, e o augmen-

gmento da população, fructos preciosísimos da paz, de huma paz desejada, e que se fazia já indispensavel no tormentoso mal da Europa para consolação de todos. Mas nada disto tem que esperar a França, por mais que seu Chéfe lhe tenha promettido huma paz extensa, e duravel, e por mais que haja querido apropriar a si o glorioso timbre de pacificador do Universo.

Napoleão não quer sinceramente a paz, ou se a deseja he por hums meios que jámais a poderá obter. He tal seu delirio, que pretende, que fazendo cada dia novas mutações no Orbe Politico, e novas acquisições para si, ou para os seus, todas as testas coroadas se mantenham n'um profundo letargo, ou se conformem quieta, e pacificamente com suas soberanas disposições. He hum Príncipe ambicioso, que arroga, e une de continuo a seu Imperio algum de seus vizinhos, á maneira da vide, que, se não á cortaõ, estende largamente seus braços, e com elles tudo abraça, e enreda. Quer a paz; porém quer ao mesmo tempo desthronar Reis, collocando em seu lugar a quem lhe parece; quer crear novas Monarchias; quer destruir por sua averção as Républicas, ainda aquellas mais antigas, e reconhecidas por todos os Potentados. Aonde está ElRei de Sardenha? Onde o Rei de Napoles? Quem tem feito apparecer as novas Monarchias de Baviera, de Wurtemberg, e de Westfalia? Como transtornou a antiga Constituição Germanica? Aonde se sepultaraõ as Républicas de Hollanda, e Genova, a Sereníssima de Veneza; e ainda a mesma Cisalpina creada depois da revolução? Quer a paz; porém quer ao mesmo tempo transtornar todo o Globo, unicamente por si, e a seu arbitrio, sem ir de acordo sequer com hum só Soberano. Quer a paz; porém acaba de provocar iniquamente a guerra, quando começava a França, e o Continente a gozar de algum repouso pelos Tratados concluidos com a Russia, e a Prussia em Tilsit no anno proximo passado de 1807. Depois de ter introduzido suas tropas com falsos pretextos até á nossa Capital, attrahe o seu territorio com humna perfidia sem exemplo a nossos Augustos Soberanos; trata de privar-

nos delles para sempre, violentando os a renunciar a Coroa no meio das baionetas; e com o maior descaramento vulgariza á face da Europa o irritante, o iniquo, o tyrannico, e inaudito Decreto de extincção da Dynastia dos Bourbons, injurioso a todos os Soberanos; sem temer a justa ira, e terrivel vingança de huma Nação valente, e leal até o extremo, nem presentir a horrorosa tempestade, que com este procedimento tão injusto, tão pérfido, e aleivosso, vai a levantar no Continente, e a qual ameaça descarregar irremediavelmente sobre sua cabeça.

He acaso necessario, que eu me demore em fazer huma ennumeração prolixa das infinitas contradicções, e absurdos, que se observaõ em todos os passos dados para a usurpação do Throno de Hespanha? Ha algum, que não conheça a estupidez, com que Napoleão se tem conduzido nesta empreza, ou a falta de talentos, que tanto ás claras tem manifestado? Apenas se pôde dizer, que a ambição, pondo-lhe o denso véo sobre os olhos, o precipitou no mais ridiculo atoleiro.

Primeiramente entraõ suas tropas, protestando o falso Murar, que vinha de passagem, e com o intento de defender varios pontos ameaçados pelos Inglezes, e logo faz assento na Corte, inspirando deste modo á Nação toda huma inquietação, e desconfiança, que não poderaõ acalmar no animo de muitos as reperidas declarações, em que o Soberano assegurou, que estava satisfeito das intenções de seu charo alliado. Succedem entretanto os ruidosos acontecimentos do mez de Março, de cujas resultas havendo sido proclamado *Rei Fernando VII.* o tira enganosamente do seio de seus vassallos, que o haviaõ jurado, e recebido com hum enthusiasmo, e alegria sem exemplo, e o attrahe a seu territorio, fazendo preza de sua augusta pessoa. Com o mesmo engano arrebatou para a França os Reis Pais, e feito árbitro das dissensões entre o Pai, e o Filho, declara, que Carlos IV. he o Rei de Hespanha, em virtude da nullidade que encerra a abdicção da Coroa em seu Filho, como produzida pelo temor, e violencia. Accreçe, que estando nossa Capital rodeada de tropas

pas suas, a Europa, e a posteridade chegariaõ a crer, que estas tinhaõ penetrado na Hespanha com o unico objecto de privar do Throno a seu charo alliado, e amigo. Que delicadeza de sentimentos! Que exemplo taõ sublime de circumspecção! Que Principe taõ zeloso da sua gloria, e reputação, que não consente, que esta se manche, nem ainda com a mais leve suspeita de violencia, ou de injustiça! Ah pérfido! Que villã hypocrisia! E dalli a quatro dias não se faz o menor escrupulo, de que o Rei Pai n'um Reino estrangeiro, e rodeado de tropas faça, e firme outra nova abdicação da Coroa em suas mãos! Neste mesmo instante se acabáraõ todas as contemplações para com a Europa. Não he isto hum jogo indigno do alto carácter de hum Imperador? Não he isto escarnecer manifestamente de todos? Carlos IV. volve a ser Rei a 4 de Maio, e a 8 do mesmo espira outra vez seu Reinado, e acaba seu papel com a mesma rapidez, que hum Rei de farça.

Porém ainda chega a mais seu delcaramento, e ousadia. Faz, que antes desta segunda abdicação nomêe ElRei por seu Lugar-Tenente a Murat, como se deixando Carlos de ser Rei aos quatro dias, não devesse tambem cessar Murat na Regencia do Reino. Com que caracter poderia já conservar-se em Hespanha? De donde lhe dimanava a authoridade; com que se pertendia continuasse, e com que continuou depois? Se cessou ElRei, não devia cessar immediatamente aquelle que não tinha outro poder, que não fosse o que o mesmo Rei lhe havia delegado? Taes são as monstruosidades, que Napoleão tem pertendido traguemos, como se fossemos huma Nação barbara, louca, ou insensata. Finalmente para pôr o sello á sua ignorancia, e desafforo, não se enveigonha de remetter-nos a abdicação do *Senhor D. Fernando VII.*, firmada em 12 de Maio, quando cada palavra he hum testemunho manifesto da violencia, com que ha sido feita, e huma protestação a mais solemne contra ella. A abdicação não rebaça em suas expreções mais do que sentimento, desgosto, dôr, e oppressão. Póde conceber-se maior atrevimento, ou loucura? Por outra parte a renúncia de Carlos se

de-

declara nulla como violenta: a de Fernando, que ha sido feita em paz estrangeiro achando-se rodeado de mágoa, e sobressalto, e em meio de milhares de homens armados, a qual, lidas attentamente suas clausulas, não he tão pouco renúncia, como se quer, mas sim hum manifesto a seu amado Povo da oppressão que padece, e dos actos violentos a que se obriga: isso nada importa: esta sim que he valida: esta deve ter todo o seu vigor, e effeito: esta não envolve a menor nullidade. Nem sirva de obstaculo, que muitas pessoas Reaes que tem direito á Monarchia, não hajaõ renunciado a ella, e o conservem em toda a sua integridade. Acabou-se a Dynastia dos Bourbons: esta he a soberana vontade do Tyranno, que a Europa deve receber de joelhos (1). Vêde aqui as medidas mais prudentes, e profundamente sábias, que toma Napoleaõ para obter hum paz duravel. Poderiaõ os Principes da Europa consentir em tão violenta, e iniqua usurpação, sem cobrir-se de hum eterna ignominia? Pertende esse monstro conciliar a paz com taes attentados? Povos do Mundo, e principalmente vós-outros os Francezes, que gemeis debaixo do jugo da tyrannia, desenganai-vos de hum vez: Napoleaõ he o inimigo jurado da paz: quela com ignominia; detesta-a, e abomina em seu coração. Em ver correr rios de sangue he o em que esse cruel se deleita. Pois conjuremo-nos todos contra elle, e exterminemo-lo com a guerra. Vinguemos o mundo de tanta usurpação em favor da especie humana: considere-se sua violenta elevação, e soberba, como presagio certo de sua ruina. A' maneira, que os ventos (disse Seneca) quando estaõ para acalmar, succede soprarem entaõ com maior impeto; do mesmo modo os mortaes, quando mais se elevaõ, succede estarem mais proximos á sua queda (2).

Bonaparte allucinado com a idéa de ser hum heroe fan-

(1) Hoc volo, sic jubeo, sit pro ratione voluntas. *Juven. Sat. 6.*

(2) Ut venti desituri vehementissime spirare solent: ita mortales, quum maxime efferunt se, tum proximi exitio solent esse.

fantastico, tem concebido o projecto de imitar, e ainda de exceder aos Alexandres, e Césares. Mas se reflexionarmos hum pouco acharemos, que ha sabido imitar os vícios destes esquecendo-se de suas virtudes. César soube refrear o vicio d'arrogancia, como o demonstra; poisque tendo-se divulgado, que segundo os livros Sybilinos venceriaõ os Romanos aos Partos, sempre que lhes fizessem a guerra, tendo hum Rei por Chêfe, proclamáraõ unanimemente Rei a César, o qual offendido com esta aclamação, exclamou: *Eu sou César, e não Rei* (3). Mas o heroe fabuloso da França não se contenta com ser Imperador, e Rei: quer mais: quer ser Chêfe dos Soberanos, isto he: César de Césares, e Rei de Reis. Assim pois não se offende, nem desdenha de ouvir aquellas expressões hyperbólicas, que a dura necessidade, ou a vil lisonja prodigalizaõ aos pés do throno, chamando-lhe *Legislador do Universo, e o heroe a quem se ha dado o poder de levantar os Imperios, de destruillos, e de humilhar os soberbos* (4). Porém, pôde acaso ignorar, que os louvores que se dão em vida, mais parecem adulação, e que só os que passaõ além da morte são sincero adorno das acções de hum mortal?

A dominação cruel, e soberba esteve igualmente tão distante de César, que aconselhando-lhe seus amigos andasse escoltado de hum guarda numerosa, e offerecendo-lhe muitos para este effeito, respondeo com dignidade: *Melhor he morrer humas vezes, que viver sempre em temor* (5). Cotejem os Francezes illustrados esta resposta sublime com a immensa guarda que circunvala a seu valoroso Imperador, e Chêfe. De mais: encontraremos por ventura nelle a piedade, a liberalidade, a prudencia de Alexandre? A affabilidade, a sabedoria, e sobretudo a clemencia de César?

Con-

(3) *Cæsar sum, non Rex. Plut. in ejus vita.*

(4) Vêase la arenga del Conde Sokolincki, Presidente del Cuerpo de la Nobreza del Departamento de Posen, y outras varias insertas en Gazeta de Madrid del 6 de Enero de 1807.

(5) *Præstat semel mori, quam semper timere. Plut. in ejus vita.*

Concluamos pois, que se Napoleão ha tido algumas virtudes militares, as tem eclipsado, reunindo em si os vícios de muitos: a arrogancia de Xerxes, a crueldade de Nero, a temeridade de Annibal, a perfidia de Alexandre, o terrivel dominio dos tyrannos. A arrogancia de Xerxes, porque elle mesmo se tem apropriado o soberbo titulo de Chêfe dos Soberanos, e com hum despotismo sem limites quer dispôr a seu arbitrio dos thronos, e regular a sorte do mundo. A crueldade de Nero, porque assimcomo este incendiou a Roma, elle ha feito arder a todo o Continente n'uma guerra eterna, e sanguinosa cohonestando a com o pretexto de estabelecer huma paz que nunca chega, nem pôde chegar senão debaixo do imperio da razão, da justiça, da religião, e restabelecendo aquelle equilibrio de poderes, que sempre tem sido o objecto dos Potentados. A temeridade de Annibal, porque assimcomo este se atreveo a embarcar-se n'um navio sem piloto em meio de huma borrasca espantosa, assim elle se atreveo a emprehender a expedição maritima ao Egypto, expedição, que não offerecia mais do que perigos quasi inevitaveis, e huma derrota quasi certa. Com igual temeridade se tem animado a ameaçar com hum desembarque nas costas da Grãa-Bretanha, apezar das immensas forças maritimas desta Potencia: e aindaque he certo, que até agora este projecto atrevido, e talvez insensato, haja ficado n'uma vã ameaça, não sabemos até que ponto teria chegado o arrojo de hum homem ousado, e emprehendedor, se seu coração insaciavel tivesse logrado ver inteiramente seguro, e tranquillo o Continente. A perfidia de Alexandre, porque assimcomo Alexandre, segundo refere Plutarcho em sua vida, tendo feito trégoas com os Indios, os atacou de improviso em sua retirada, e os destruiu, assim também Napoleão por modo inaudito, não mediando trégoa, senão paz, e alliança íntima com os nossos Reis, os arrebatou com astucia, e engano de sua Corte, para promulgar depois o monstruoso, e tyrannico Decreto da extincção da Dynastia dos Bourbons na Hespanha, deixando muito atraz com tão escandalosa perfidia, quantos exemplos desta classe nos offere-

recem as Historias de todos os séculos. Finalmente o terrível dominio dos tyrannos, porque não contente com haver tornado escravos da França a Hollanda, parte d'Alemanha, e todas as Républicas, e Reinos da Italia, tem intentado ultimamente pelos meios mais iníquos, e vergonhosos estender seu sceptro de ferro sobre o rico, e fértil terreno da Hespanha Catholica, e sempre amante fidelissima de seus Augustos Soberanos.

Aindaque não fossem tantas, e tão repetidas as provas da tyrannia de Bonaparte, bastaria para que a França o reconhecesse por seu tyranno, o ver que só olha, e attende á sua felicidade, e fortuna, ou que antepõe indubitavelmente esta ao repouso, e tranquillidade de seus vassallos. Nisto se differença o Rei do Tyranno, disse Aristóteles, pois que este busca sua propria felicidade, e aquelle a de seus vassallos (6). Hora bem, quantas vezes tem feito deffamar o sangue Francez, privando a mãe do filho, a esposa do marido, a viuva de seu apoio, sem outro interesse nacional, que o augmento de sua prosperidade, e grandeza, e da de sua familia? Que utilidade resulta á França de que José seja Rei de Napoles, Luiz de Hollanda, Jeronymo de Westfalia? Que vantagens pode sacar, de que seu chéfe acabe de a indispor cruelmente com a Nação Hespanhola, sua amiga, e alliada, sem outro motivo que appropriar-se a Coroa de Hespanha para si, ou para outro de sua familia? Não he forçoso, que recaia tambem nosso odio sobre os Francezes, em quanto são satélites, e ministros de seus tyrannicos, e ambiciosos projectos? Se esta usurpação tivesse tratado de fazer-se com as armas, havendo precedido hum rompimento, e declaração de guerra debaixo de qualquer pretexto, sempre teria sido iniqua, e violenta; porém fora se quer menos odiosa, ou mais toleravel. Mas estando não só em amizade, senão alliado comnosco? Fazendo ao mesmo tempo as protestações mais públicas, e sollemnes, de que só que-

C

ria

(6) *Eo Rex abita tyranno, quia hic suam, ille suorum querit felicitatem.*

ria nossa felicidade? E em o momento em que nossos Reis com huma generosidade, de que não ha exemplo, se entregavaõ nas suas mãos, paraque fosse o árbitro de suas dissensões domesticas? Ah! Esta he huma maldade, e villeza tão execravel, que excede aos alcances da Oratoria para pintalla, e a capacidade do engenho para concebella. A linguagem fallaz, e hypócrita, com que Napoleaõ se tem conduzido nesta criminosa empreza, o colloca, não em a baixa esfêra de hum malvado, mas sim na infima de hum homem perversissimo. Não se tenhaõ estas expressões por filhas do excessivo rancor de hum Hespanhol resentido, e aggravado. Falle por mim Publio Syro, que affirma; que quando o máo se finge bom, entaõ he perversissimo (7): e em outra parte, que não ha maldade maior que imitar a linguagem da bondade (8). Diga-o aquelle Consul Romano, admirado de todos, não menos por sua eloquencia, que por suas virtudes moraes, quando na sua preciosa obra, sobre os deveres do homem, assenta por cousa indubitavel, que nenhuma injuria he mais atroz que a daquelles, que quando maiormente enganaõ, põe seu cimpenho em parecer bons (9). Mas já não poderãó jámais deslumbrar-nos seus discursos, e proclamações pompofas, nem suas promessas fallaces.

Napoleaõ não quer a felicidade da Hespanha, nem tão pouco a da França, nem a de outra alguma Nação: o que quer he, que arraltrando todas aos pés do seu throno, sirvaõ como vis escravas á sua cubica, á sua ambicaõ, á sua tyrannia, á sua perfidia, e á sua falsa gloria. Diga-o nollo vizinho, o Reino da Lusitania, que fugitivos seus Reis pelo temor, foi invadido pelo tyranno, e depois de tantas proclamações espargidas, que não apresentavaõ em suas palavras seductoras mais do que idéas chi-

(7) *Malus, ubi se bonum simulat, tunc est pessimus.*

(8) *Bonitatis verba imitari major malitia.*

(9) *Injuria autem nulla capitalior est, quam eorum, qui quum maxime fallant, dant operam, ut viri boni videantur.*
Cic. 1. *Offic. n. 23.*

chiméricas, e promessas de esplendor, de grandeza, de prosperidade, e de vantagens, só tem experimentado o roubo, a miséria, a violação de seus mais preciosos direitos, a profanação de seus templos, a oppressão, a angustia, a agonia. Decidi-o vós outros, Francezes generosos, se he que a dura escravidão, que soffreis, vos tem deixado livre o entendimento, e o uso dos órgãos da palavra. Decidi; não he certo, que os campos regados com vosso sangue vos tem produzido espinhos, e abrolhos em lugar de fragrantes rosas? Que felicidades haveis experimentado depois de tanto tempo que estais esperando colher os doces, e sazoados fructos de huma paz, tantas vezes promettida como desejada, e que cada vez se affastam mais de vós outros? Não tendes colhido em vez delles, os amarguissimos de huma guerra exterminadora, que obriga a ter sempre em pé hum exercito numerosissimo de soldados; que em outro tempo teria bastado para conquistar todo o mundo, se as demais Potencias por huma dura necessidade não houvessem com igual proporção augmentado os seus? Decidi; não vacilleis hum momento. Não he certo, que experimentais em vez de tranquillidade a agitação? Em vez d'abundancia a miséria, e a pobreza, effeitos necessarios de tantos sacrificios de toda a especie? Em lugar d'amizade, o odio, e a vingança? Em vez do progresso de todos os ramos da natureza, e da industria, a decadencia da agricultura, e de vossas fabricas? Em vez do augmento de população, a falta da mocidade mais brilhante, e agradável? E por ultimo em lugar de felicidade de vossos povos, o complemento de todas as calamidades? Não, e não creio outra, por mais energicas que sejam as pinturas, que de vossa prosperidade interior nos façam o pavor das Gazetas, e Diarios. Sei muyto bem, que ha tempo, que se peleja com armas da falsidade, e da impostura. Confessai-o sem pejo: nós outros, a Europa inteira se compadece de vós, e só suspira pelo feliz momento, em que com generoso, e louvavel esforço rompais as duras cadeas, que vos aprisionão. Não deve ser-vos vergonhoso, que vosso coração franco,

e aberto tenha sido enganado pela refinada hypocrisia de hum homem doloso, e astuto. Que duvidais? Eu mesmo me confesso publicamente réo de ter vivido deslumbrado, as pinturas exaggeradas, e artificiosas patranhas, que haõ divulgado os seus Panegyristas; e agora só me resta a confusão, e vergonha produzida pelo intimo convencimento de haver sido tão débil, ou tão ignorante. Eu mesmo o tenho honrado bastante nestes ultimos tempos com deixar de crer, que fosse capaz da baixeza, e infamia de obligar com a força, e engano aos nossos Monarchas a abdicar o dominio de huma Nação sempre leal, e obediensissima, atéque vi com o maior horror, e indignação consummada a sua villeza, e opprobrio na Gazeta de Madrid de 20 de Maio. Publicai, pois, Francezes illustrados, tributando esta justa homenagem á verdade, que Napoleão I. he hum homem indevidamente venerado da França. Ainda isto he pouco: persuadi-vos de huma vez: que Napoleão I. Imperador dos Francezes he outro Atila, que mereceo o denominassem o *Açoute de Deos*, *Flagellum Dei*, e que seu nome aborrecido de todas as gerações presentes, será lido com horror, e abominação de seculo em seculo, de idade em idade, de povo em povo, de geração em geração, até á consummação dos seculos.

É tu, soberbo Imperador da França com pertencões a todo o globo habitado, que te tens vendido tanto tempo por alliado, e amigo da Hespanha, sabe, e entende, que não queremos, que aborrecemos, e detestamos desde hoje tua fellã amizade. Ella ha sido para nós outros mais pestilencial, e funesta, que tua inimizade. *Guerra, guerra* he o grito universal, e o signal da concordia, e alegria. Em tua negra ingratidão para com os nossos Soberanos, que tão fielmente tem correspondido a seus empenhos, e amizade, franqueando-te seus thesouros, suas tropas de terra, e suas esquadras para teus designios, e empresas, e está cifrado quanto mal póde dizer-se de ti (10). Tu tens pro-

vo-

(10) Omne dixeris maledictum, quum ingratiū nominem dixeris. P. Syr.

vocado a cólera, e a justa ira da nossa Nação nobre, grande, leal, e esforçada: a tens tratado como a huma quadrilha miseravel de homens pequenos, débeis, néscios, e cobardes: teme pois os effeitos da sua justa indignação. Se teus satélites se tem atrevido a publicar na nossa Capital libellos injuriosos ao Rei, e á Nação, nós outros saberemos fazer-te a guerra com a espada, e com a penna. Se julgavas, que tirando-nos os Reis cahiriamos nos horrores d'anarquia, e que agitados violentamente de mil facções era a occasião opportuna de subjugar-nos, tens incorrido n'um crasso, e funesto engano. A Hespanha tem presente a terrivel lição que recebeu no seculo XVII. da Inglaterra, e agora recentemente da França. Quando humia, e outra se virão sem os Reis, que criminosa, e cruelmente haviaõ despojado do sceptro, e da vida, foraõ submergidas n'um abyssmo de facções. O espirito de humação era reprimido senão pelo de outra: o governo variava sem cessar: o Povo buscava aturdido a democracia, e não a achava em parte alguma: por fim depois de muitos movimentos, choques, e convulsões politicas lhes foi preciso volver ao mesmo governo que havia proscripto. Nós outros não aspiramos a huma liberdade chimérica, nem temos partidos. O objecto dos desejos de todos he nosso Catholico, e Augusto Fernando, e entretanto que o arrebatamos das garras das aguias rapinadoras, submettidos á obediencia de huma Junta Suprema, na qual tem seu throno todas as virtudes, saberemos guardar concordia, e uniaõ, garantes seguros da victoria. Se te pareceo, que a Hespanha moderna havia degenerado d'antiga; se nos reputavas submergidos em hum profundo somno; e possuidos de huma inacção incapaz de movimento; se sonhaste, que a Hespanha estava morta; se se te figurou, que se havia apagado entre nós outros a tocha sagrada do patriotismo; crê, e entende, que o throno espantoso de tua soberba, e vaidade, a cujo estampido se tem estremecido toda a terra, nos ha feito renascer das cinzas de nossos maiores; nos ha voltado do somno á vigilia; nos tem arrancado da languidez, e dado huma actividade irresistivel; nos tem resusci-

rado da morte á vida; e lia atigado, para não apagar-se jámais, a radiante tocha do amor da Pátria. Se te chegastes a persuadir por hum momento, que carecíamos de exercitos, e de dinheiros; milhões de homens tem corrido livre, e espontaneamente a tomar as armas, e huma multidão incalculavel de Corporações, e de Cidadãos ricos, e poderosos tem aberto sem limites seus thesouros. Até os miseraveis jornaleiros se desprendem de huma parte do curto prémio de seus suores para coadjuvar a Pátria. Recordate, que por hum effeito semelhante pôde triunfar a França de todas as Potencias colligadas para sua desmembração, e ruina. Que não fará a Hespanha auxiliada de outros, que tomaõ hum vivo interesse na sua conservação? Os Hespanhoes intrépidos não temem ao vencedor de Marengo, e de Austerlitz. Estes ruidosos nomes poderãõ acaso servir para aterrar Nações pequenas, ou cobardes. Tu mesmo tens descoberto o segredo, respondendo aos Polacos, que te pediaõ restabelecesses o throno da Polonia, que *quando huma Nação grande, quando muitos milhões de homens querem ser livres, o são* (1). Não esqueças jámais esta verdade tão terrivel, e luminosa, e sirvate sua memoria para renunciar ao projecto de nos tornar escravos pela força, jáque o não tens conseguido pelo dolo, e astucia. A Hespanha inteira quer ser livre, não quer gemer debaixo de teu imperio. Doze milhões de habitantes se haõ levantado contra teus ambiciosos desígnios: elles vencerãõ; a Hespanha, e seu Rei seraõ livres de tua tyrannia. A Europa toda, e talvez a França mesma, combaterãõ por nossa causa. Teme, e treme: Julio Cé.

(11) Quando o Conde Radzimienski, Palatino de Gnesne, o Conde Sokolinski, Presidente do Corpo da Nobreza de Polen, e o Principe de Raczinski, Arcebispo de Gnesne, oraraõ a Napoleaõ o anno proximo passado, pedindo-lhe restabelecesse o Reino de Polonia, e se dignasse de obrar de modo, que esta Nação renascesse de suas cinzas, lhes respondeo o Imperador dos Francezes entre outras cousas, que *quando huma Nação grande, quando muitos milhões de homens querem ser livres, o são*.
Gazeta de Madrid de Terça feira 6 de Janeiro de 1807.

César foi assassinado no mesmo Senado com vinte e tres punhaladas. Se a tempestade, que te ameaça, não he bastante a enfrear teus implacaveis desejos, he chegado o momento de tua queda.

E vós outros, generosos Hespanhoes, e amados Compatriotas, que haveis estado a ponto de ser victimas de vossa fiel moderação, de vossa exactidão em cumprir os tratados, de vossa cega confiança na amizade de hum Principe deloso, e astuto, e sobretudo daquella nobre prohibidade, que ha sido sempre vosso caracter distinctivo, não desfinaeis em vossa intrépida, e louvavel resolução. Vós outros, que tendes soltado n'um momento todas as vélas do patriotismo, do amor ao vosso Rei, do zelo pela conservação da pureza de nossa Santa Religião: vós outros, que haveis sido os primeiros em levantar os estandartes da liberdade da Europa, sede também os primeiros em dar a vossos companheiros de armas, e alliados exemplos heroicos do valor mais intrépido, da fortaleza mais incendiada, e do mais nobre enthusiasmo. O Rei, a Pátria, a Religião angusta, e adoravel exigem imperiosamente de vós-outros toda a forte de sacrificios. Renovai as scenas gloriosas para o nome Hespanhol, e eternamente memoraveis dos campos de Pavia, e de Santo Quintino. Homens, e não Deoses nos fazem guerra: e não temos nós outras tantas vidas, e mãos como elles (12)? Não esqueçais jámais a gloriosa alternativa, que tendes jurado de *vencer*, ou *norrer livres*. Imitai a fortaleza admiravel, com que o Consul Decio, indo de vencida sua ala de exercito, e sabendo pelo sonho, que elle, e Manlio havião tido, que pendia já sómente o bom exito do sacrificio de sua propria vida, se metteo por entre os inimigos, buscando em sua morte certa, e voluntaria a victoria para os seus. A Historia nos apresenta a cada passo exemplos illustres do mais ardente patriotismo. Os virtuosos senti-

men-

(12) Numina nulla premunt: mortali urgemur ab hoste
Mortales: toudem nobis animaque, manusque.
Virg. Aen. 10.

mentos de amor á Pátria formáráo de cada hum dos Romanos hum Fabricio, hum Regulo, hum Cincinnato. Em Athenas hum sinceríssimo patriotismo conduz com prazer áquelles esforçados jovens ao campo de batalha; o assombroso valor, com que nelle disputaõ gloriosamente a victoria, he hum puro effeito do interesse, que tomaõ na defenſa de ſua Pátria. Em Elſparta a viuva tem hum gratificação, e dá graças aos Deos, porque ſeu eſpoſo tenha morrido, combatendo valeroſamente: as mãis dos que perdem ſuas vidas cobertos de gloria na batalha de Leuctra, ſe felicitãõ mutuamente; em quanto as outras recebem com lagrimas de dõr, e conſulaõ aos ſeus, que voltaõ illeſos, porẽm vencidos: que couſa mais doce, e glorioſa que morrer pela Pátria (13)? A Pátria... Que doce nome! Ella he o complexo univerſal de todos os noſſos amores (14). Quem ſerá o cobarde, que ouvindo os lamentos de hum Pátria, que chora ſua ruina, não arda em deſejo de ſalvalla ſacrificando-lhe tudo, até ſua propria vida? Eia pois: Filhos fidelíſſimos, filhos amantíſſimos, filhos digníſſimos da Pátria, voai a ſalvalla. Não permittais, que voſſa benéfica Mãi acabe de apurar o vaſo de dõr, e amargura: enchugai ſuas lagrimas, conſolai-a, promettei-lhe não regressar a ſeu terno regaço, a ſeus doces oſculos, ſem haver caſtigado, e confundido as orgulhoſas viſtas; os ambicioſos deſignios, as aborreciveis tramas, os pérfidos projectos, e as detestaveis intrigas do coração infaciavel do Tyranno da Europa. Doze milhões de habitantes livraõ ſua gloria, e ſua felicidade no eſforço de voſſo braço. A Europa toda tem ſitos os olhos em vós outros, e eſpera com impaciencia voſſos primeiros triunfos. Precipitai-vos como hum torrente impetuofa ſobre eſſas legiões de vís aſſaſſinos: deſtrui-as, e abrazaí-as com a velocidade doraio. Hum Príncipe pérfido, que tem

(13) Dulce & decorum eſt pro patria mori.

Horat. Lib. 3. Od. 2.

(14) Sed omnes omnium charitates patria una complectitur.
Cic. Offic. 1.

violado os direitos sagrados d'amizade, e alliança não pôde pelejar vantajosamente convosco. Elle commanda escravos, ou homens cúmplices em suas iniquidades, a quem acobarda o convencimento íntimo de seus crimes, e perfidias; e vós outros pelo contrario sois Cidadãos livres, nobres, e generosos, que pelejais voluntariamente pelo mais sagrado, e precioso aos olhos dos mortaes. Vossa causa he santa, e vosso valor invencivel. Mas já advirto vossa impaciencia por vir ás mãos: hum pequeno repouso vos fatiga: hum curto instante de detençaõ o julgais perdido para vossa gloria. Marchai pois, e á vossa vista retrocederão essas bandadas de escravos. Os Ministros do Santuario prostrados humildemente ao pé dos Altares dirigem ao Altissimo as súplicas mais fervorosas, e os mais ardentes votos por vós outros, e pela prosperidade de nossas armas. O fogo inextinguivel do amor a seu Rei serve tambem para queimar o incenso, cujo fumo ha de subir ante o Throno da Immensa Magestade, a cujos Pés Soberanos servem de ornato os sceptros dos Reis. O Senhor dos Exercitos, e das batalhas, que sempre se ha dignado olhar com benignas vistas a esta Monarchia, derramará desde o alto Empyreo suas benções sobre vós outros, e voltando coroados de louros ao seio da vossa Pátria, aos braços de vossas mãis, de vossas esposas, de vossos amigos, e concidadãos; será vosso nome engrandecido, e abençoado entre todas as gerações. Sim: voltareis triunfantes, e gloriosos a gozar da tranquillidade, e abundancia, depois de haver dado a paz ao Mundo, vingado nossos agravos, humilhado aos soberbos, salvado a Nação, protegido, e feito respeitar a santidade da Religião, defendidos vossos direitos, e resgatado, e restituído ao throno o melhor dos Bourbons, FERNANDO VII., dignissimo objecto de nosso amor, e de nossos sacrificios.

F I M.

Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.

M I T